

**Sumario:**

*Por muchos siglos, tanto para la Iglesia, como para la sociedad, la juventud no “existía”, no era considerada como un “grupo social”. Fue a través de la educación no-formal por donde la Iglesia entró a la evangelización de la juventud. El autor intenta hacer una lectura de cómo la Iglesia se dedicó y se dedica a la evangelización del mundo juvenil. Una tarea que exige una clara visión del modelo de Iglesia, de Sociedad, de Mundo y de Joven que deseamos ayudar a construir.*

## **O fenômeno da evangelização juvenil através da história**

**P. Hilário Dick, SJ**

*Fue Asesor Nacional de la Pastoral Juvenil de Brasil y de la Pastoral Universitaria.*

*Fundador y Director del Instituto de Pastoral de Juventud de Porto Alegre, Coordinador del Curso de Post-Grado: Especialización en Juventud y del Grupo Temático Juventud y Familia en la Universidade do Vale do Rio dos Sinos, en São Leopoldo. Brasileiro.*

*E-mail: hildick@terra.com.br*

Queremos acompanhar um aspecto da História da Igreja e entender melhor como se dá, nesta Igreja, o processo de evangelização da juventude. Encaramos o assunto como um “fenômeno”, isto é, como algo que pode ser percebido pelos sentidos ou pela consciência. Algo que podemos “ler”. Desejamos fazer uma *leitura* de como a Igreja se dedicou e se dedica à evangelização da juventude. Estamos conscientes de que podemos ficar numa leitura demasiadamente humana e esquecer-nos de que a Igreja e a evangelização da juventude são frutos do Espírito que age nesta Igreja.

Compreender um fenômeno humano nas dimensões propostas, contudo, exige também tentar ver como o Espírito vai exigindo, nas encarnações históricas, uma eterna renovação. Esta é fruto do Espírito, é verdade, mas revestido de carne humana. Desenvolveremos nossa tarefa em quatro passos:

- partindo do que está por detrás da evangelização juvenil, olhando a questão na perspectiva das formas de evangelização que existem;
- afirmando que não basta conhecer e estudar qualquer tipologia de jovens (por mais importante que seja) porque não se trata somente de “compreender” o fenômeno mas de querer intervir nele e
- vendo a dialeticidade dos cenários de Igreja na evangelização juvenil tomando como referência a Pastoral da Juventude.

## 64

### 1. Ponto de partida

Partimos de um pressuposto bastante radical: para a sociedade e a Igreja, por muitos séculos, *a juventude não existia e não era*

*concebida como um “grupo social”* que merecesse outra atenção a não ser a de um objeto social a mais, na maioria das vezes de preocupação. A juventude, por muitos séculos, também pela Igreja, não foi vista como um sujeito social. Para a juventude existiram, historicamente, duas instituições que se preocupavam com ela: a escola e o serviço militar, preocupações da família e do Estado. Os jovens não “existiam” e, por isso, não eram considerados; quem existia e eram considerados eram as crianças e os adultos. O que existia eram instituições *para* a juventude. Pouco se sabe, no mundo ocidental, de instituições *de* jovens reconhecidos pelas igrejas ou pelo Estado. Os jovens, de fato, eram e foram considerados como crianças e, como tais, abandonados – depois de certa idade – no plano da educação não-formal. Foi através da porta educação não-formal, onde entrou, em grande parte, a evangelização da juventude.

Um campo por onde a Igreja entrou bastante decididamente foi *na pretendida evangelização através da educação*, isto é, a partir da escola e da Universidade. Não desejamos navegar, aqui, por estes mares porque teríamos que ater-nos ao “ensino religioso” ou a outras denominações semelhantes, com seu potencial evangelizador. Não queremos ater-nos, aqui, nem ao “ensino religioso” nem à educação mas à evangelização da juventude na educação não-formal. Na Igreja Católica o “ensino religioso” começou a tornar-se real e mais sistemático no tempo da Idade Média quando ela abraçou a educação como um desafio importante. Antes, a escola era uma instituição ou do Estado ou da família.

Apresentavam-se, para a Igreja, duas possibilidades reais, na questão da educação: ou ser, de fato, um aparelho educativo, de formação da personalidade, ou sujeitar-se a ser, também – por pressão social – um aparelho repressor, ajudando a família e o Estado a controlar “a realidade agitada” dos jovens, colocando-os, pela escola, numa camisa de força onde o que valia eram os caminhos traçados pela tradição e pela cultura. Este parece-nos ser o pano de fundo mais radical de nossa questão.

Mesmo quando aparecem as escolas diocesanas ou paroquiais, na Idade Média, ou quando nascem, pelo século XVIII, diversas Congregações Religiosas que se caracterizam pelo carisma da

dedicação à evangelização da juventude, o que existia eram “aulas de religião”, “preparação para o Crisma” e não muito mais. Ficava-se no “formal” da comunidade eclesial e vivia-se, na verdade, uma grande pobreza na descoberta de formas de ir ao encontro da evangelização do jovem num espaço de liberdade. O que se assistia, por isso, era uma “evangelização” acontecendo na base da obrigatoriedade institucional. As Congregações que partem para a criação de outros espaços, livres como tais, são muito poucas. Historicamente, não sabemos muito mais do que da existência das Congregações Marianas, dos jesuítas, a partir de 1560. Não sabemos de outras confrarias – ou coisas semelhantes – dedicadas especificamente à evangelização dos jovens num espaço que não fosse o estritamente “formal” (obrigatório).

Na história dos jovens, quando há referências a “grupos” ou “associações” de jovens (que existem desde tempos muito antigos), não se vê nenhuma referência a que esses grupos fossem grupos de alguma igreja. Todos sabemos o mérito da Igreja Católica no início tanto das Universidades como das escolas, mas não se pode dizer o mesmo com a constituição, dentro dessas realidades, de associações de jovens preocupadas com a evangelização. Precisamos recordar, ainda, que a própria educação era uma preocupação de um mundo de cristandade, tomando a Igreja para si uma responsabilidade que era, na Grécia e na velha Roma, obrigação do Estado.

## 2. Formas de evangelização

Podemos dizer que a evangelização da juventude se deu e se dá, basicamente, através da história, em três formas:

- valorizando o carisma das Ordens e Congregações;
- valorizando a missão da Igreja como tal; e
- valorizando o vigor da palavra.

Tentaremos explicar estas três maneiras.



## **2.1 A evangelização dos jovens com a valorização do carisma**

A evangelização dos jovens com a valorização do carismas das Ordens e Congregações se dá de forma não-oficial, a partir dos religiosos. O que vale é a transmissão, para a juventude que atingem, da vivência do carisma de sua Congregação ou Ordem. Exemplos disso são as Comunidades de Vida Cristã (CVX), dos jesuítas, chamadas, até 1957, de “Congregações Marianas”. As comunidades de CVX, embora não restritas à juventude, começaram principalmente nos colégios e Universidades mantidas pelos jesuítas. São fruto do espírito evangelizador de um jesuíta, assumidas pela Ordem como um todo como um meio válido de educação na fé. Transmite-se aos leigos a espiritualidade da Ordem com a definição de regras e Estatutos para os que aceitassem viver uma experiência religiosa bem definida.

As CVX, no tempo em que surgiu a Ação Católica, (década de 1930) estavam muito vivas e espalhadas por muitas comunidades. Graças à sua vitalidade, viveram inicialmente uma verdadeira “guerra santa” com a nova articulação religiosa comandada pela Cúria Romana (a Ação Católica). Em vez de prosseguir privilegiando, na evangelização, a vivência prática de um carisma, a evangelização proposta por Roma partia, praticamente, de um decreto pastoral administrativo. Fruto da vocação missionária desta Igreja.

Outro exemplo de evangelização juvenil a partir do carisma podemos encontrar na Juventude Franciscana, criada pelos franciscanos e pelos capuchinhos; na juventude salesiana fundada pelos salesianos em muitos lugares; pelo movimento de jovens dos irmãos maristas e de tantas outras Congregações. A JUFRA, por exemplo, é um movimento de jovens que faz girar sua espiritualidade em torno do carisma vivido e sistematizado por São Francisco de Assis. Não se tornou, historicamente, tão significativo como as Comunidades de Vida Cristã, mas está difundido no meio do povo e da juventude.

Um outro exemplo de encarnação da evangelização do carisma congregacional para a juventude temos no movimento juvenil marista conhecido como JUMAR ou REMAR ou outros nomes. São, também, denominações de organizações juvenis que procuram cultivar, de



maneira juvenil, determinado carisma de uma Congregação. Em nosso caso, dos Irmãos Maristas. Poderíamos falar, ainda, de iniciativas semelhantes na Congregação dos Palotinos baseado nas características da espiritualidade ou do carisma desta Congregação e de muitas outras Congregações, masculinas e femininas, que investem na evangelização da juventude com a valorização dos carismas que os caracterizam. É uma das formas de evangelização da juventude.

## **2.2 Evangelização da juventude valorizando a missão da Igreja**

Outra forma de evangelização da juventude se dá com a valorização da missão apostólica da Igreja. São, em geral, *movimentos oficiais ou quase oficiais da Igreja*. Assim como na valorização do carisma os protagonistas são as Congregações, nesta segunda forma de evangelização o protagonismo está na Igreja-Instituição, representada ou pelo clero como tal, especialmente os bispos, ou orientada por leigos e pessoas do “baixo clero” que assumem, de forma madura e organizada, a sua vivência de Igreja, ou a vivência de Igreja dos jovens.

As traduções mais concretas e mais significativas desta forma de evangelização juvenil, são a Ação Católica Especializada, as Pastorais de Juventude, os movimentos internacionais como o Movimento Internacional de Estudantes Católicos, a Juventude Estudantil Católica Internacional, o movimento “Comunhão e Libertação” e o movimento “Opus Dei”. Por não serem a tradução de um carisma mas a tradução, para os jovens, da missão da Igreja, em geral, eles se movem, mais facilmente, ao mesmo tempo, em mais do que um cenário de Igreja e, por isso mesmo, são objeto diferenciado de resistências. É que podem ser, ao mesmo tempo, traduções institucionais contraditórias (ideologicamente) dos cenários de Igreja encarnando-se no mundo juvenil. Em outras palavras, podem acobertar, ao mesmo tempo, expressões conservadoras e libertadoras na forma de exercer o ministério da evangelização dos jovens, no mesmo cenário. As iniciativas não dependem de um carisma mais definido, mas da leitura e do modo de ser de algumas lideranças, clericais ou não.

Exemplos disso são – como já se disse – a maneira de ser da Ação Católica Especializada, em suas diversas traduções (JOC, JEC, JAC e JUC) e o modo de ser do movimento “Comunhão e Libertação”, do movimento “Opus Dei”, fundados por significativas personalidades do clero, procurando valorizar, prioritariamente, a missão da Igreja junto aos jovens através dos leigos. Embora fundados ou criados por agentes clericais, são, na sua totalidade, prioritariamente movimentos de leigos.

Dentro dessa linha de especificação, com tonalidades diferentes, colocam-se, também, as *Pastorais de ou da Juventude*. São e assumem ser traduções pastorais da Igreja, como um todo, com relação à juventude, surgidas da criatividade de agentes pastorais, clericais ou laicos, inseridos na pastoral orgânica. Por serem menos “oficiais”, isto é, defensoras de certa autonomia pastoral (para eles nenhum pastor, nem o Papa, é dono de qualquer pastoral) sofrem, por vezes, resistências na sua manifestação, embora defendam ser a expressão da Igreja orgânica no campo da evangelização da juventude através de documentos reconhecidos pela organização oficial dos pastores. Podem ser extintos, dependendo de sua autonomia organizacional, principalmente econômica.

### **2.3 Evangelização da juventude através da valorização da palavra**

Uma terceira forma de evangelização da juventude se dá com a valorização da palavra, em sentido amplo. Em geral não é um modo de existir “oficial”, mas um modo que – por diversas razões – carrega em si a possibilidade da cooptação das hierarquias. Esta terceira forma é constituída por movimentos fundados ou orientados por leigos, encarnando-se no campo da evangelização juvenil. Destacáramos três movimentos bem diferenciados mas que se encontram na valorização da Palavra: o Cursilho de Cristandade, a Renovação Carismática e o Movimento dos Focolares. Usam, como método privilegiado, o discurso – a palavra, e os testemunhos narrados. A Renovação Carismática vale-se, de modo especial, do discurso das “línguas”.

Na valorização da Palavra, o forte destes movimentos são o método, a utilização da linguagem urbana e o testemunho. Em geral vivem de encontros de impacto. Pode-se dizer que o discurso é o impacto. A Palavra se torna impacto. Mais do que o conteúdo das palavras, vale a forma; mais do que a razão, o que comanda é o sentimento; mais do que a vida misturada com a realidade social, vale a fé como tal; mais do que a prática (social), o que vale é a doutrina; mais do que o comunitário ou o coletivo, o que tem peso é o individual; mais do que a justiça, o que tem mais força é a paz; mais do que a valorização do clero, acentua-se a vocação do leigo; mais do que insistir na ação (de fato), fala-se com mais insistência na oração; mais do que o compromisso na atualização da Palavra, vale o “fundamentalismo bíblico”.

Um dos grandes valores desta forma de evangelizar é a penetração que conseguem no mundo urbano, adulto e juvenil. O método do impacto e a valorização dos aspectos que apontamos acima, fazem-nos penetrar em ambientes variados da urbanidade e da juvenildade, ainda não despertada para uma visão mais crítica da realidade. Além de outras qualidades, são especialistas em determinadas sensibilizações.

### **3. Tipologia dos jovens e evangelização**

Para realizar um bom ministério de evangelização juvenil supõe-se um conhecimento científico do mundo da juventude. Um capítulo que aparece, por isso, em muitos lugares, é a vontade sincera de encarar os diferentes “tipos de jovens” que precisam ser evangelizados. Se defendemos uma “evangelização inculturada” e de uma “educação para a vida”, a tipologia juvenil se torna um capítulo importante. Poder-se-ia dizer, até, ponto de partida. Os tipos de jovens ou as juventudes, por serem um fenômeno recente são, por isso, um desafio que precisa ser encarado de frente. O não-atendimento a estas diferenças vai-se constituir, mais cedo ou mais tarde, numa prova da falta de amadurecimento pastoral e pedagógico da própria evangelização da juventude.

Como já se disse, com relação à evangelização juvenil, o que valeu, por muito tempo, foi a preparação espontânea dos necessários evangelizadores da juventude, dependendo, essa capacitação, muito mais das qualidades pessoais dos agentes e não da preparação pedagógica e acadêmica deles. Por isso a tentação, por parte destes agentes, de julgar a juventude como um todo mais ou menos homogêneo, simplesmente, valendo tudo para todos. Uma das causas dessa atitude é a forma de ser dos próprios agentes, obrigados a estarem preparados para tudo: tanto para saber casar como para saber falar para sindicalistas... Atualmente, é uma evidência sempre mais clara que não existe “o jovem”; o que há são jovens que precisam uma atenção evangelizadora diferenciada, isto é, evangelizadores diferenciados.

Embora o assunto pareça aceito e importante, é difícil, no entanto, chegar-se a um acordo com relação à tipologia dos jovens a serem evangelizados. Lançamos, aqui, algumas idéias que desejam, ao mesmo tempo, colaborar no esclarecimento da questão como de assumir uma proposta. Em geral, olha-se para a juventude – como já se disse – como uma generalidade, seja sob o ponto de vista psicológico, cronológico, cultural ou sociológico.

Partimos de uma descrição dos tipos de jovens de um renomado teólogo brasileiro chamado Pe. João Batista Libânio, olhando para a juventude sob o ponto de vista religioso. Voltaremos, mais adiante, à questão dos critérios de classificação dos jovens. Consideramos essas considerações como uma forma de crescermos neste desafio que se apresenta à evangelização juvenil. O Pe. João Batista Libânio lançava, em 1978, uma obra importante para quem deseja trabalhar com os jovens. O título da obra é “*O Mundo dos Jovens*” (São Paulo: Loyola). Mais recentemente, o mesmo Pe. Libânio fez, para educadores, no Rio de Janeiro, de forma oral, uma outra descrição do mundo juvenil, sob o aspecto especificamente religioso. Ela pode servir como fonte inspiradora de outras conclusões. Sob o ponto de vista religioso, o teólogo mineiro destaca, principalmente, 10 grandes tipos de jovens.

1. O Pe. Libânio inicia falando do **jovem tradicional religioso** que não problematiza nem a religião nem a Igreja. O jovem religioso tradicional não é portador de grandes inquietudes sociais.

2. Em segundo lugar, fala do **jovem popular** e distingue três subgrupos:
  - a) o primeiro subgrupo é formado por aqueles que estão fora da modernidade, isto é, por jovens onde a cultura moderna ainda não penetrou, estando abertos (ainda) à autoridade e sendo acolhedores dos valores que vem de fora;
  - b) o segundo subgrupo é formado pelos jovens que estão sendo incluídos na modernidade seja pela escola, pelo trabalho ou pelos meios de comunicação. É um grupo que está em “ascensão social”, situando-se, aos poucos, entre aqueles que se tornam ou são mão-de-obra qualificada. É um subgrupo com garra, capaz de competir e enfrentar o mundo da seleção;
  - c) o terceiro subgrupo, dentro dos jovens populares, é constituído pelos excluídos da modernidade, principalmente através da falta de emprego, sofrendo a ameaça de pertencerem à grande exclusão do mercado.
3. O terceiro tipo de jovem, na perspectiva religiosa, é o **jovem da cultura moderna**. É formado por aqueles que assumem o “ethos” da modernidade: o trabalho, o dinheiro e o saber. Assim como o saber é a primeira mercadoria, o trabalho e – consequentemente o dinheiro – são formas muito evidentes de o jovem assumir-se em sua autonomia.
4. Um quarto tipo de jovem é aquele **que resiste à modernidade**. Este jovem ou é excluído ou se exclui. É neste contexto que se localiza um fenômeno muito atual relacionado com o todo da sociedade, mas especialmente com o jovem: *a violência juvenil*.

Olhando para a história recente percebe-se que a geração juvenil de 1940 explorou a violência do tapa; a década de 1950 partiu para a violência da palavra. Veja-se, para comprovar isso, o filme “*Juventude Transviada*”; a geração de 1960 já faz surgir a violência do fátual e do comportamental. Olhe-se para o mundo questionador dos hippies; mais adiante – depois de 1970 – surge a violência bruta de “*Laranja Mecânica*”, caminhando até a violência estúpida e recente dos jovens de Brasília (capital do

Brasil) queimando um índio esperando o amanhecer, deitado no banco de uma parada de ônibus...

Mesmo que fosse interessante ater-nos (como faz Libânio) às causas da violência juvenil, queremos destacar, simplesmente, que o autor chama a atenção, neste ponto, à importância dos grupos intermédios como forma privilegiada de levar à vivência da alteridade.

5. O quinto tipo é o **jovem rebelde existencial**, de raiz mais psicológica, com o jovem vivendo a síndrome do paraíso, angustiando-se com o fato de não ser ele mesmo, embora exijam dele responsabilidades de adulto.
6. O sexto tipo é o **jovem religioso**, como tal. Libânio distingue o jovem carismático, o jovem *new age* e o jovem paroquial.
  - a) O **jovem carismático** é da Renovação Carismática e do movimento Treinamento de Liderança Cristã<sup>1</sup> (TLC, que, após décadas, está ressurgindo em vários lugares do Brasil). Temos aí um jovem festivo, litúrgico, estético e místico, vivendo uma experiência difusa do religioso, saindo do ordinário, mas não chegando a uma vivência profunda de um sentido que mereça a entrega da vida, característica da verdadeira experiência de Deus.
  - b) O **jovem “new age”** carrega muitas características do jovem carismático, mas de forma mais vaga. Libânio para descrever esse tipo traz o exemplo de grupos de jovens alemães gritando, a plenos pulmões, a rejeição de um Deus e a aceitação de uma religião: “*Gott nein*” – dizem eles – (“Deus não”) mas “*Religion ja*” (“Religião sim”)...
  - c) O **jovem paroquial** é aquele que aceita com certa naturalidade a estrutura paroquial vivendo a experiência tradicional da Crisma e dos grupos de perseverança.

1. Assim como o Treinamento de Liderança Cristã (TLC), do Brasil, existiram e existem por toda a América Latina “movimentos semelhantes” com variados nomes, utilizando a metodologia de impacto dos “Cursilhos de Cristandade”.

7. O sétimo tipo de jovens que Libânio aponta é o que ele denomina de **“fruitivo”**. Trata-se do jovem que deseja desfrutar, curtir a vida, estar na posse de bens e gozar o prazer. Libânio conta a anedota do francês que encontra uma forma de denunciar uma Igreja que abafa a beleza do prazeroso contando a história de alguém que resumiu esta situação dizendo que *“tudo que é bom engorda ou é pecado”*... Libânio cita, também, um poeta espanhol que diz que *“las flores no las quiero para el funeral, sino ya!”*.

Libânio afirma, ainda, que estamos atualmente em crise frente a três mitos gregos fundamentais: o mito de *Prometeu* que deseja conquistar o céu, o mito de *Sísifo* que carrega o fardo até o topo do morro e vê a pedra despencando novamente para seu início, tendo que recomeçar tudo de novo, e o mito de *Narciso* que gosta de contemplar-se a si mesmo, frente a uma civilização que criou uma química da felicidade e, ao mesmo tempo, da infelicidade.

8. O oitavo tipo de jovem é o **jovem entediado, céptico, insatisfeito e fragmentado**, fruto da degradação existencial que vivemos na sociedade, levando-nos a sermos incapazes de maravilhar-nos e de alegrar-nos intensamente, fruto de uma geração que chegou a banalizar dois mistérios fundantes: o mistério da vida e o mistério da morte.
9. O nono tipo de jovem é o **jovem socialmente inquieto**, tanto na Igreja como na sociedade. São jovens capazes de encarar a arte como um lugar de compromisso; são engajados voluntários; despertam para a cidadania; têm práticas sociais e encontram causas às quais se dedicam com generosidade: o índio, a ecologia, a mulher etc.
10. Um último tipo, o mais recente, e que não conhecemos o suficiente, ainda, é o **jovem da realidade virtual**. Há, neste campo, uma enorme fonte de descobertas a serem feitas. Aproxima-se, inclusive, um novo tipo de conhecer a verdade e um novo tipo de saber.

É claro que esta classificação dos jovens – muito melhor na apresentação original do que neste resumo rápido – ajuda-nos na compreensão do fenômeno juvenil e, por isso mesmo, para uma melhor evangelização. Nesse sentido a descrição do Padre Libânio é uma fonte iluminadora. Por outro lado, fica sempre mais evidente que a pura descrição de tipo de jovens não basta. Não basta porque não basta *compreender* e contemplar um fato. Além de compreender é preciso conhecer a riqueza da diversidade de jovens visando a *articulação* política e pastoral deles.

Aqui começa –segundo nosso parecer– uma diferenciação importante nos trabalhos de evangelização da juventude. Há uma grande distância entre os que dizem que basta “compreender” o jovem, não dando atenção a uma articulação educadora e aqueles que afirmam que, nesta compreensão, entra, igualmente, o fator da possibilidade de organização dos próprios jovens. Estamos, por isso, ou podemos estar em cenários diferentes de pedagogia, de método e de Igreja. Se aceitamos, com Libânio, que o grupo intermédio é uma das saídas para a humanização e a evangelização dos jovens, também deveríamos admitir que, além da compreensão dos tipos de jovens, devemos interrogar-nos sobre a melhor forma de articulá-los.

Precisamos ter presente, por isso, quando tentamos olhar o fenômeno juvenil visando um trabalho pastoral, articulado –uma evangelização completa– os *critérios de classificação* dos jovens que carregamos como pressupostos. Mesmo que todos os jovens sejam jovens, a variedade é real e precisa ser atendida para realizarmos um trabalho evangelizador que seja integral e respeitador da realidade que o jovem enfrenta e vai enfrentar para realizar-se como cidadão. Na questão da classificação entram, por isso, os critérios que nos movem para afirmar que essa classificação é melhor do que uma outra. A aceitação ou a utilização de um critério ou de outro é uma atitude política da qual nenhum evangelizador escapa.

Enfrentando esta questão, podemos ser levados, basicamente, por quatro critérios, sempre respondendo à pergunta subjacente: *o que ajuda esta caracterização na perspectiva articuladora?*

1. O primeiro critério de caracterização é o *socio-econômico*, dividindo os jovens conforme alguns *espaços vitais mais significativos* como a escola, abarcando os estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e os universitários; a “fábrica” ou os diferenciados locais de trabalho, destacando os jovens trabalhadores, os comerciários, os/as balconistas e os operários como tais; o campo, privilegiando os jovens agricultores que vivem dos frutos da terra... Outros, talvez, olhariam esta realidade de modo mais classista, falando simplesmente de jovens ricos e pobres. O que vale é o critério socio-econômico.
2. Um outro critério de classificação é o *critério cultural*. Nesta perspectiva olha-se os jovens vendo – entre eles – os índios, os negros, os comunitários, os religiosos, os revolucionários, os acomodados, os jovens do campo e os jovens urbanos, as gangs, as galeras etc. A tipologia de jovens, apresentada pelo Pe. Libânio – por exemplo – prioriza uma visão cultural específica. Procura-se – segundo este critério – a caracterização dos jovens por motivos culturais: o jovem do nordeste, o jovem do norte, o jovem do sul etc.
3. Um terceiro critério de olhar a caracterização ou a tipologia da juventude *vai na perspectiva do psico-salutar*. Destacam-se os jovens aidéticos, os homossexuais, os que vivem em “situações críticas”, os jovens que vivem problemas psicológicos mais definidos com relação a ele mesmo, com a família etc. Novamente a pergunta: embora importante, esta classificação ajuda na articulação que procura ser formadora para a vida?
4. Um quarto critério de classificação da juventude seria o *critério político*. Olha-se a juventude espalhada, por exemplo, nas tendências políticas de direita ou de esquerda; olha-se os jovens dos movimentos estudantis, os jovens dos movimentos operários, os jovens dos partidos políticos, os jovens dos movimentos sociais etc. Todos estes jovens tem interesses, realidades e linguagens comuns, constituindo um todo com características comuns, possibilitando uma articulação de certa forma definida.



Todo educador de jovens – principalmente aquele que trabalha com grupos de jovens – tem a obrigação de responder a si mesmo a quais destes critérios ele valoriza mais (prioriza) para levar em frente um trabalho evangelizador que garanta a formação integral e a formação de cidadãos na perspectiva da liberdade evangélica, usando a organização como fonte formadora dos jovens. Não basta compreender o jovem; é preciso propor-lhe uma forma organizada (comunitária) que melhor garanta a formação integral na perspectiva da fé, tendo presente que a evangelização proposta não é um mero momento de transição mas uma proposição de viver a vida.

Embora a Pastoral da Juventude da América Latina – como um todo – tenha muito presente todos os aspectos e critérios que levam a uma melhor compreensão do fenômeno juvenil, ela valorizou – ao menos em sua concepção teórica – o critério socio-econômico, abrindo-se para colocar, como parceiro de concepção, o critério político. Embora a economia seja determinante, na formação integral da pessoa humana, é fundamental levar o jovem e o cidadão a inserir-se com decisão nos organismos intermediários da sociedade civil.

Todas as grandes reivindicações juvenis significativas da história tem atrás de si, articulações que respondem mais fortemente a algum destes critérios. A adoção prioritária de um critério ou outro, carrega conseqüências práticas. O movimento *hippie* não é somente cultural; ele tem raízes econômicas; as mobilizações baseadas na arte (canto, teatro...) conseguem ser realmente significativas quando, nas suas motivações, se encontram razões econômicas. Ser estudante, mais do que viver uma realidade cultural, é viver, também, uma realidade econômica.

É importante, por isso, no fenômeno da evangelização juvenil, não deixar de escanteio esta questão. Além de política e econômica, esta questão é pedagógica. Sem ela dificilmente seremos capazes de implantar uma evangelização integral, formadora de cidadãos e cidadãs capazes de olhar e encarar o mundo com vontade de construir uma realidade nova, plantada no chão da vida.



## 4. Os cenários de igreja na história da evangelização juvenil, tomando como exemplo a história da pastoral da juventude

Se olharmos a história da evangelização da juventude, a partir de 1930, numa perspectiva de vivência histórica dos cenários da Igreja<sup>2</sup> veremos que, em grandes traços, dois cenários de Igreja sempre caminham mais ou menos juntos, opondo-se a outros dois cenários. Referimo-nos ao cenário de uma Igreja Carismática andando lado a lado com o cenário de uma Igreja da Pregação, opondo-se a dois outros cenários: o cenário de uma Igreja da Instituição caminhando lado a lado com o cenário de uma Igreja da Práxis Libertadora. Chama a atenção que a grande dialética eclesial se movimenta entre o carisma petrino e o carisma paulino. Distinguimos, na evolução histórica, tomando como pano de fundo a evangelização da juventude, quatro momentos distintos.

### 4.1 O primeiro momento

Num *primeiro momento*, que vai até a década de 1930, vemos que a hegemonia no serviço da evangelização juvenil está com o cenário da Igreja Carismática e da Pregação. O trabalho evangelizador com os jovens resume-se, em grande parte, às Congregações Marianas e ao movimento da Legião de Maria. A realidade orientadora é a vivência dos carismas das Congregações. Citamos a Companhia de Jesus mas poderíamos pensar, também, no enorme número de Congregações que se dedicavam, nesta época (a partir de 1850) ao trabalho da educação da juventude, nos colégios. É a Igreja sendo, hegemonicamente, do Carisma e da Palavra...<sup>3</sup>. A Igreja da Instituição e da Práxis Libertadora quase não aparecem. Por longos séculos a

2. Baseamo-nos, para esta classificação dos quatro modos de ser Igreja, no livro “*Cenários da Igreja*”, de João Batista Libânio. (Coleção CES). São Paulo: Loyola, 1999. Descreve pormenorizadamente quatro cenários: o cenário de uma Igreja da Instituição (p. 15-48), o cenário de uma Igreja Carismática (p. 49-68), o cenário de uma Igreja da pregação (p. 69-90) e o cenário de uma Igreja da Práxis Libertadora (p. 91-130).

3. Essa realidade faz-nos remeter, igualmente, às realidades nazistas e fascistas de 1920 a 1940. Embora fosse o Estado que tomava conta das mobilizações juvenis, grande parte dessa articulação era devida, sem dúvida, aos carismas de Hitler e Mussolini.

evangelização da juventude dependeu das características de um cenário de Igreja onde a insistência caminhava nos caminhos do Carisma, coadjuvado por um cenário da Igreja da Pregação.

#### **4.2 O segundo momento**

A hegemonia dos dois outros cenários de Igreja (da Instituição e da Práxis Libertadora) começou a se impor a partir da fundação da *Ação Católica*, por Pio XI. Não bastava a vivência dos carismas religiosos; era preciso atingir as estruturas da sociedade. Vivemos, por isso, de 1940 a 1970, uma progressiva hegemonia dos cenários de uma Igreja da Instituição, lado a lado com o cenário de uma Igreja da Práxis Libertadora. A grande expressão dessa realidade foi a Ação Católica, fruto e realização da Igreja-Instituição, trazendo dentro de si a energia subjacente da força prática do leigo, mais próxima às realidades da economia e da decisão política. Quem comandava não era o carisma; era o assistente nomeado e a obrigatoriedade de se inscrever nesta mobilização evangelizadora.

Se a Ação Católica foi morta, em vários lugares, pela hierarquia, deve-se isso à contradição interna dos dois cenários de Igreja que aparentemente caminhavam juntos e que possibilitaram a hegemonia no serviço da evangelização juvenil. Vemos, por isso, estranhamente, um cenário de Igreja (o da Instituição) extinguindo, pela autoridade, a quem considerava, aparentemente, parceiro (o cenário de uma Igreja da Práxis Libertadora)... Não há dúvida de que os motivos da extinção da Ação Católica (especialmente no Brasil) se basearam na forma como se casavam, na vivência da fé, o seu relacionamento com a política – o que, historicamente, o cenário de uma Igreja da Instituição não esperava. Era o segundo momento.

#### **4.3 O terceiro momento**

O *terceiro momento* vem, indiretamente, da Instituição (através de lideranças, principalmente do clero) e diretamente do carisma personalizado de alguns leigos revestidos do cenário da Igreja da Pregação. Estavam em jogo, basicamente, duas questões ou dois campos de batalha: a questão dos carismas (veja-se o crescimento do movimento dos Focolares) e a questão do método. Por um lado, os

carismas pessoais encontravam-se com os carismas das Congregações e, por outro, a Palavra traduzia-se num novo método.

Em vez da Revisão de Vida e da Prática, da análise da realidade e da leitura bíblica a partir do pobre, prioriza-se o testemunho falado. Não se revisa em comunidade; apresenta-se o testemunho pessoal. Vale mais a doutrina do que a prática; vale mais a pregação pietista da fé do que o incentivo de uma vida de fé coerente com o social. Ficam em segundo plano a Igreja Instituição (com forte tendência de ser cooptada pelo sucesso e pelo resultado aparente) e a Igreja da Práxis Libertadora. Recorde-se que é o tempo de movimentos: o Emaús, o Curso de Liderança Juvenil, o Treinamento da Liderança Cristã e tantos outros movimentos de encontro. Estávamos na década de 1970.

#### **4.4 O quarto momento**

A força que reage a esta “onda” de certo piedosismo e de subjetividade, é a onda da organicidade. Entramos, então, no *quarto momento*. A *organicidade* é uma forma de o cenário da Igreja Instituição, (aproximando-se do cenário da Igreja da Práxis Libertadora) alcançar, novamente, aos poucos, a expressão hegemônica. Fatores externos, traduzidos em perseguição a pessoas que viviam tanto o modelo de Igreja de Práxis Libertadora como de autoridades que encarnavam a Igreja-Instituição, colaboraram para que isso se desse, de forma bastante ligeira, na década de 1980. Podemos dizer que a hegemonia estava com o cenário de uma Igreja da Práxis Libertadora fazendo aparecer, com repercussão especial, as Pastorais que trabalham com os índios, os negros, os trabalhadores e – também – a Pastoral da Juventude. É a década de 1980, a década das Pastorais que protagonizam o equilíbrio de fé e vida, fé e política, de mística e de inserção social.

80

Recorde-se que a Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Puebla, fez nesta época a histórica opção evangélica e preferencial pelos pobres e pelos jovens, dizendo, inclusive, como desejavam que fosse o trabalho organizado da evangelização da juventude. Significou, ao mesmo tempo, um impulso enorme para a articulação da juventude bem como para a sistematização pedagógica

e pastoral da evangelização da juventude, no Brasil e na América Latina. A década de 80 significou, por isso, um impulso enorme para o amadurecimento eclesial do trabalho junto aos jovens. Basta recordar, além de tudo, o surgimento – nesta época – de diversos Centros e Institutos de Pastoral de Juventude seja em Bogotá ou em Porto Alegre, como em Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo e outros lugares.

#### **4.5 O quinto momento**

No final da década de 80, com a queda do muro de Berlim e do socialismo de estilo estalinista e com a entrada vigorosa do neoliberalismo excludente e centralizador, o cenário da evangelização da juventude, com a hegemonia da Igreja de Práxis Libertadora, quase tornada oficial, com a ajuda de problemas internos (na Pastoral da Juventude em outras pastorais e movimentos sociais) começou a ser questionado. Externamente, principalmente, pela mudança da conjuntura mundial e, internamente, essencialmente por motivos de base espiritual e política. Assim como iniciara, dentro das pastorais, a florescer e a crescer a luta pelo poder, ficando em segundo plano a força motivadora da missão e a espiritualidade, outra forma de viver a fé, mais cordial e menos racional, mais do Espírito do que de Jesus Cristo morto como subversivo e blasfemo, começou a fortalecer-se em muitos cantos.

Na evangelização da juventude destacou-se, neste contexto, uma grande contradição: assim como, no Brasil, o tema da Campanha da Fraternidade de 1992 era, ineditamente, a juventude, tendo a Campanha como lema “Juventude, Caminho Aberto” que ajudou a ampliar a questão juvenil, dentro da Pastoral da Juventude, como tal, o grande motivo de debate e preocupação era a questão da organização, sufocando outros aspectos que também brotavam. Ao mesmo tempo que a Campanha da Fraternidade despertara para a importância dos jovens e chamara a atenção para a necessidade de não se deixar de lado alguns aspectos da vida cristã, a discussão principal, dentro da Pastoral da Juventude, era outra, mais picante, menos missionária e mais sensacional: a organização. Isso se traduziu, concretamente, na nova articulação dos grupos paroquiais que, até este momento, não tinham uma articulação própria.

Durante esse mesmo tempo, movido pelos cenários de uma Igreja da Instituição e da Práxis Libertadora, foi entrando, também, de diversas formas, com força renovada, por motivações internas à Pastoral da Juventude e por motivações eclesiais, teológicas e ideológicas, a expressão do cenário de Igreja Carismática e da Pregação. A Pastoral da Juventude – mesmo sendo expressão oficial da Igreja – não era mais aceita pacificamente e os antigos movimentos começaram a ter nova aceitação, movidos por pessoas que se movimentavam em outro cenário de Igreja. O resultado, mais ou menos disfarçado, foi-se traduzindo, aos poucos, em luta pela hegemonia do poder na evangelização da juventude.

Na Pastoral da Juventude o esquecimento do lado cordial da vida e da vivência religiosa da alegria e do “Espírito” faz a juventude clamar, por exemplo, por uma educação atualizada da afetividade e da sexualidade, pelo cultivo da mística expressando-se em retiros e dias de oração e pela afirmação sempre mais forte da importância primária da missão.

Dentro desse contexto, já bastante conflitivo, publicava-se, em 1997, a partir da Seção Juventude do CELAM, o livro *“Civilização do Amor: Tarefa e Esperança”* – o melhor tratado pedagógico e pastoral que há em termos de elaboração de uma proposta pastoral global traduzida para a juventude. Imediatamente depois, em 1998, realizaram-se dois eventos que visualizaram a contradição eclesial que se vivia no momento: por um lado o Encontro Continental de Jovens, no Chile, movido pela crença e pela priorização dos eventos de massa e – ao mesmo tempo – o 2º Congresso Latino-Americano da Pastoral da Juventude, movido pela crença na força transformadora dos pequenos grupos articulados entre si, ressaltando o princípio norteador do protagonismo juvenil.

Se num espaço se dava importância a uma pastoral de eventos, investindo dinheiro na convocação de milhões, no outro espaço, também oficial e assumido pela Igreja, o que se afirmava importante eram as representações e a coerência de uma pastoral com propostas definidas e avaliadas. 1998 foi, nesse sentido, um ano exemplar. Assim como se reforçava o descontentamento com a proposta teórica da Pastoral da Juventude, ao mesmo tempo reforçavam-se algumas articulações resultantes desta Pastoral.

## Conclusão

É nesse jogo de braços (e de espírito) que estamos no alvorecer do Novo Milênio: de um lado, o cenário de uma Igreja Carismática e da Pregação adquirindo cidadania eclesial sempre mais forte e, do outro, a resistência de um proposta reconhecida pelo vigor de sua identidade. Mesmo que, na vivência desta proposta, os próprios agentes responsáveis reconheçam que está semeada de erros ou falhas, a hora não é de compreensão ou perdão. O erro é visto, unicamente, como uma razão a mais para comprovar a necessidade de uma mudança. É sintomático dar-nos conta de que um dos motivos básicos de discórdia e de rejeição é o que se chama de protagonismo juvenil.

Se, por um lado, se quer uma evangelização que leve o jovem a assumir a sua identidade e amadureça suas convicções pessoais, por outro, sonha-se com uma juventude mais freqüentadora dos sacramentos, mais dócil e menos crítica, mais da Igreja do que da sociedade. Esta “outra” proposta, contudo, não está escrita; ela age pelos fatos e por metodologias que se aplicam, mas não se explicam. Se a Igreja da Instituição e da Práxis Libertadora diz o que deseja com sua evangelização, a Igreja do Carisma e da Pregação não diz as razões reais que a levam para a sua opção. Quem fala mais alto são os resultados aparentes.

Como já parece ser tradição na Igreja, a evangelização da juventude estará dependente, novamente, nos próximos anos, de uma “guerra de foices, no escuro”, onde o que vai valer, por um bom tempo, são as estratégias de cooptação – de um e de outro lado. Por um lado, o que terá valor é a proposta explícita, com metodologia, espiritualidade, pedagogia e organização definidas para uma Igreja de Comunhão e Participação; de outro, a proposta teológica, política e pedagógica é guardada dentro da manga, desejando simplesmente impor-se, não importando se isso vai acontecer de forma coercitiva ou através de um diálogo aberto, mais pela autoridade do que pela participação, mais por decisões privadas do que por soluções discutidas em comunidade.

O fenômeno da evangelização da juventude – como se vê – sempre viveu envolvido pelo conflito. É a dialeticidade do ser Igreja

e do ser evangelizador de jovens. Não ter consciência disso é meter-se num campo onde seremos levados por realizações de superfície.

A evangelização da juventude exige posturas definidas; visões claras do modelo de Igreja, de Sociedade, de Mundo e de Jovem que desejamos ajudar a construir. Na evangelização da juventude não podemos ser aventureiros. O que não vale e não responde ao Espírito está fadado a desaparecer. É a purificação da verdadeira evangelização. Cabe a todos colaborarmos para que as mudanças aconteçam com o espírito do Evangelho.